

## A educação dos homens nos castelos medievais: séculos XI - XIII

Edeniuce Bernabé Gumieri

Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil.

**RESUMO.** Este artigo trata do romance cortês durante os séculos de XI a XIII, na Europa Ocidental. Procuramos apreender a influência que obras deste gênero exerceram na formação do ideal do homem nobre. Para tanto, é preciso caracterizar, ainda que em linhas gerais, a forma como seus autores procuraram enaltecer a figura do cavaleiro através da glorificação do heroísmo e do amor. Trata-se, pois, de compreender o motivo dessa exaltação. Utilizamos como fontes principais de análise as seguintes novelas de cavalaria: *Lancelot, o cavaleiro da charrete* e *Ivain, o cavaleiro do leão*, ambas de autoria de Chrétien de Troyes, e o poema épico *A canção de Rolando*, de autoria desconhecida.

**Palavras-chave:** Idade Média, nobreza, cavalaria, educação.

**ABSTRACT. Men's education in medieval castles: 11<sup>th</sup> through 13<sup>th</sup> centuries.** The chivalric romance of the 11<sup>th</sup> to the 13<sup>th</sup> century in Western Europe is discussed in this article in order to understand the influence of that genre on the formation of the nobleman's ideal. First of all it was necessary to provide a general characterization of the forms and motivations the authors used to exalt the figure of the knight through the glorification of heroism and love. The analysis was based on the following works: *Lancelot, the cart knight* and *Yvain, the lion's knight* by Chrétien de Troyes, and *Chanson de Roland*, an epic poem by an unknown author.

**Key words:** Middle Ages, nobility, chivalry, education.

Este artigo pretende apontar os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica cujo objetivo era analisar o papel da literatura medieval no processo de formação do ideal do homem nobre. Para fazê-lo, recorreremos a três obras literárias como fontes principais de análise: *Lancelot, o cavaleiro da charrete* e *Ivain, o cavaleiro do leão*, ambas de autoria de Chrétien de Troyes, e o poema épico *A canção de Rolando*, de autoria desconhecida.

A reflexão acerca desses romances parte do princípio de que a literatura é produto de uma determinada época e, por conseguinte, faz alusão aos valores desse período. Permite-nos, assim, vislumbrar, através do comportamento das personagens e da trama as questões do momento histórico e a perspectiva de um ideal de homem.

Nesse sentido, a literatura é vista como representação real dos homens e pode ser pensada sob a categoria dos valores sociais e das necessidades historicamente dadas. Ela promove, através das personagens, a exaltação de determinadas características de comportamento. Estas, ou fazem parte daquela realidade ou constituem um

referencial para se pensar a sociedade. Assim, pensar um ideal de homem medieval através da literatura é pensar, em última instância, suas condições reais.

Estamos, pois, afirmando que a literatura, de um modo geral, oferece a representação das necessidades de sua época histórica.

Estas observações prévias sobre a literatura e sua conotação ideológica devem-se ao fato de seu conteúdo permanecer ligado à realidade cotidiana e a seus acontecimentos, complicações e individualidades. Assim sendo, buscar explicar as características que os romances de cavalaria privilegiaram é tentar entender a formação dos indivíduos naquele contexto. Para esta reflexão, consideraremos alguns aspectos que, a nosso ver, são importantes.

O primeiro refere-se ao fato de que a literatura medieval procurou enaltecer a figura do cavaleiro através da glorificação do heroísmo e, ao mesmo tempo, do amor. Convém perguntar, portanto, o motivo dessa exaltação. Quais elementos históricos estão implícitos e promovem a necessidade de

mudança no perfil de cavaleiro, melhor dizendo, de homem nobre?

Só é possível responder a essas questões se conhecermos o momento histórico vivido pelos autores das novelas de cavalaria e percebermos o processo de mudança em que se encontravam. Essa nova forma de ser foi analisada por vários autores em diversos momentos.

Montesquieu, por exemplo, autor francês que escreveu no século XVIII, é um grande crítico da estrutura e das relações sociais do seu século. Ele nos possibilita compreender os costumes que deram origem às leis que regeram a sociedade feudal. Le Goff, historiador contemporâneo, por seu turno, aborda questões específicas que revelam a complexidade da vida social medieval. Já o clássico Pirenne, historiador do início do século XX, mostra-nos a dinâmica econômica que concorreu para a ruína do feudalismo.

Guizot, historiador francês do século XIX, merece um destaque especial. Ele revela-nos o momento de transição entre o mundo bárbaro e o mundo feudal. Mostra-nos as influências deixadas pelos povos que invadiram e dominaram a Europa por um longo período. Destaca, ainda, a importância da cavalaria, assim como o papel fundamental que o cristianismo exerceu na forma como a sociedade feudal se organizou. Segundo ele, uma “força de idéias” conseguiu organizar o caos em que se encontrava a sociedade - a Europa bárbara - e manter uma certa unidade. Assim, no seu entender, teria sido a Igreja Cristã que salvou o cristianismo; teria sido a Igreja Cristã, através de suas instituições, de seus magistrados, do seu poder, que conseguiu estabelecer uma certa ordem moral que passou a nortear os homens, proporcionando-lhes uma forma de sociedade mais civilizada. Dessa maneira, da perspectiva de Guizot, a Igreja conquistou os bárbaros e tornou-se o princípio da civilização entre o mundo romano e o mundo feudal.

Embora estes princípios morais instituídos pelo cristianismo tenham concorrido para transformar o comportamento do bárbaro, este não abandonou por completo seus costumes e hábitos. Os bárbaros trouxeram consigo o sentimento de independência pessoal, o amor à liberdade, desconhecidos na sociedade romana e na sociedade cristã. Foram os bárbaros que os introduziram na nascente sociedade feudal, imprimindo-lhes um caráter particular.

Há ainda uma outra característica encontrada na sociedade medieval que se deve aos povos bárbaros que invadiram a Europa. Trata-se da relação de fidelidade que se estabeleceu entre os indivíduos nas

relações militares. É Guizot quem nos chama a atenção para isso:

*A feição característica desta relação era a ligação do homem ao homem. A fidelidade do indivíduo, sem necessidade externa, sem obrigação fundada nos princípios gerais da sociedade. Nas repúblicas antigas não encontramos nunca um homem ligado especial e livremente a outro homem; todos os homens pertenciam à cidade. Nas sociedades bárbaras é entre os indivíduos que se forma o laço social, primeiro pela relação do chefe ao companheiro, quando percorriam em bandos a Europa; depois pela relação do senhor ao vassalo. Este segundo princípio que teve também importante papel na história da civilização, esta dedicação do homem pelo homem provém dos bárbaros, e dos hábitos deles é que passou para os nossos (Guizot, 1907:83).*

Guizot nos apresenta o relacionamento entre indivíduos baseado na fidelidade como sendo um “legado” deixado pelos povos bárbaros à civilização.

Este laço que se estabelece entre os guerreiros não se restringe ao plano pessoal, como podemos observar através da análise de Le Goff (1979) sobre o ritual de investidura do cavaleiro. Nesta passagem ele nos mostra a coexistência de outros elementos:

*A originalidade do feudalismo do Ocidente medieval é nitidamente associar a investidura de um feudo a um compromisso pessoal ... No caso da investidura feudal, não havia laço vassálico se a investidura do feudo não estivesse ancorada à homenagem e à fé. O sistema simbólico [de investidura dos cavaleiros] mostra tratar-se de um conjunto. São “fiéis ou vassalos”. São “fiéis e vassalos” (Le Goff, 1979:385).*

Os laços de vassalagem aparecem nas novelas de cavalaria como um qualificativo do cavaleiro.

Desse modo, cada um dos autores que consideramos para fundamentar esta reflexão revela um aspecto das transformações que estavam sendo vividas pelos homens naquele momento histórico.

Os romances cortesões de Chrétien de Troyes são textos de concisão e beleza admiráveis que situam perfeitamente a problemática da historicidade de sua época. Em sua obra *Ivain, o cavaleiro do leão*, Troyes exalta o heroísmo destacando-o como a principal virtude do cavaleiro. O autor defende esse comportamento como sendo necessário à classe de homens nobres diante das condições exteriores, ou seja, em um período marcado por grandes transformações sociais.

O papel do herói no romance de cavalaria é, portanto, ser o modelo que deve ser admirado e imitado por todos:

*Aquele que foi senhor dos cavaleiros e que sobre todos teve renome deve ser chamado sol. Digo isso de sire*

*Gawain, por quem a cavalaria é toda iluminada como sol da manhã. Ele dardeja seus raios e dá claridade em todos os lugares onde se espalha (...)* (Troyes, 1991:233)

Além da exaltação do herói, este autor mostra qual era o comportamento adequado de um nobre através do procedimento de um animal feroz, o leão, que, apesar de forte e livre, troca esta liberdade pela subordinação, assumindo uma posição de vassalo completamente fiel àquele que o salvou:

*[Ivain] Depois de libertar o leão, pensou que agora teria de combater, pois acreditava que ele o atacaria. Mas o leão não fez assim. Escutai o que fez o animal; bravo e benévolo animal! Começou a agir como se estivesse se rendendo a Ivain: estendia as duas patas juntas, inclinava a cabeça para o chão, erguia-se sobre as patas traseiras, depois voltava a ajoelhar-se e por humildade molhava de lágrimas toda a face. Sire Ivain compreendeu que em verdade o leão estava agradecendo e se humilhando perante ele, que o salvara da morte despedaçando a serpente... Depois continuou seu caminho. O leão foi andando atrás dele, mostrando bem que jamais o deixaria e que com ele sempre iria, pois seguramente queria servir e proteger esse amo* (Troyes, 1991:245).

É essa visão de mútua proteção que mantém a relação de fidelidade entre o suserano e o vassalo e que constitui o centro de toda a hierarquia de relações característica da feudalidade. Para entender melhor como surgiu a relação de fidelidade, recorreremos ao estudo de Guizot sobre a História da Civilização na Europa, que nos mostra a formação do feudalismo. Este autor nos relata que, em meio ao caos e à confusão provenientes da queda do Império Romano e das sucessivas invasões bárbaras, um princípio de organização social e estabilidade começou a ser vislumbrado em fins do século X. Em meio à desordem, as instituições existentes adaptavam-se às necessidades imediatas:

*(...) Os elementos que mais repugnavam a este sistema, a igreja, as comunas, a realeza, tiveram de se lhe amoldar; as igrejas tiveram senhores e vassalos, a realeza disfarçou-se na suserania. Tudo era dado em feudo; não só as terras mas mesmo certos direitos; o direito dos cortes de lenha nos parques, o direito de pesca; as igrejas deram em feudo o pé do altar, os rendimentos dos batismos, das apresentações das mulheres depois dos partos. Dava-se em feudo a água e o dinheiro. Assim como entraram no molde feudal todos os elementos gerais da sociedade, assim também tornaram-se assunto de feudalismo as minudências e os mais insignificantes fatos da vida comum* (Guizot, 1907:120).

Assim, na mesma proporção em que a sociedade assume um novo perfil, os homens passam a se

relacionar a partir de outros parâmetros de comportamento que não são só os da violência. Uma nova forma de organização social começa a ser instituída; até mesmo a noção de tempo precisa ser estabelecida.

Outro autor que reforça, mais uma vez, a importância do romance cortês para a compreensão daquele período histórico é Le Goff. Em sua obra *Para um novo conceito de Idade Média*, questões importantes sobre a mentalidade dos indivíduos são abordadas. É o caso da necessidade de estabelecer uma imagem conceitual da sociedade, como fez o clero medieval ao definir a sociedade “tripartida”. Temos, também, a “nova ordem temporal”. Esta nova noção do tempo, criada a partir da organização do feudalismo, do renascimento do comércio, revela uma alteração nas formas de trabalho. A partir de então passaram a coexistir duas formas de tempo. A do mercador,

*Tempo mensurável, mecanizado até, é o tempo do mercador, mas igualmente descontínuo, cortado por paragens, momentos mortos, afectado por acelerações ou atrasos - muitas vezes em ligação com atrasos técnicos e o peso dos dados naturais: a chuva ou a seca, a bonança ou a tempestade, têm fortes incidências nos preços. Nesta maleabilidade do tempo, que não exclui a inexorabilidade dos pagamentos, situam-se os lucros e as perdas, as margens de ganho ou de perda; aqui agem a inteligência, a habilidade, a experiência e a manha do mercador* (Le Goff, 1979:54).

E da Igreja

*(...) o tempo concreto da Igreja é, adaptado da Antiguidade, o tempo dos clérigos, ritmado pelos ofícios religiosos, pelos sinos que os anunciam, pelo rigor indicado pelos quadrantes solares, imprecisos e variáveis, medido por vezes pelas clepsidras grosseiras (...)* (Le Goff, 1979:52).

O clero medieval “considerou o tempo a partir dos textos bíblicos.” Foi estabelecido dessa forma um tempo que este autor denomina de teológico: “Este tempo é linear, tem sentido, uma direção, tende para Deus. O tempo levava, por fim, o cristão para Deus” (Le Goff, 1979:47). Assim, o cristianismo penetrou em todas as áreas dessa sociedade, contagiando também as instituições, inclusive a cavalaria.

O cavaleiro cristão tinha um compromisso para com a sociedade assim como com todos aqueles que o cercavam. O jovem guerreiro tinha o dever de proteger os pobres, as viúvas e os órfãos. Mesmo com toda a violência da sociedade feudal, foi ela que proporcionou uma nova forma de relacionamento entre os homens. Os autores que utilizamos para esta análise nos conduziram à proposição de que o

cavaleiro tornou-se um elemento necessário à constituição da civilização européia durante a organização do regime feudal e, principalmente, na formação da aristocracia medieval.

Acreditamos que as condições de isolamento daquela sociedade desorganizada e hostil fizeram com que os elementos culturais de manutenção da vida deixados pelos povos bárbaros se fimassem. O guerreiro tornou-se um elemento necessário na luta pela sobrevivência e na defesa da propriedade.

Outro elemento importante de caracterização daquela sociedade é a intervenção moral da igreja cristã. A imagem conceitual cristã determinou a constituição das novas estruturas sociais e políticas que estavam germinando na Europa durante aquele período. Temos, como exemplo, a sociedade “tripartida” analisada por Le Goff:

*Em finais do século IX surge na literatura medieval (...) um tema que descreve a sociedade dividida em três categorias ou ordens. As três componentes desta sociedade tripartida são, segundo a forma clássica de Adalberón de Laon, nos princípios do século XI: oradores, bellatores, laboratores, quer dizer os clérigos, os guerreiros e os trabalhadores. Se este tema, até então ausente na literatura cristã, aparece entre o século IX e o século XI, é porque corresponde a uma nova necessidade. Esta imagem conceptual da sociedade relacionava-se com novas estruturas sociais e políticas. Mas, como todo o utensílio conceptual, este esquema não tinha por finalidade somente definir, descrever uma nova situação. Era também um instrumento de ação sobre essa sociedade nova e, antes do mais, ao nível de ação mais evidente, um instrumento de propaganda (Le Goff, 1979:75-76).*

Em diversas passagens da obra de Troyes está explicitada a diferença existente entre as ordens sociais. Ele, inclusive afirma que: *Mais vale falarmos dos homens de outrora. Sim, sou de opinião de que homem cortês morto vale mais que vilão vivo!* (Troyes, 1989:204). Desse modo, a figura do cavaleiro destaca-se sempre enquanto modelo de homem a ser admirado, honrado e, principalmente, assimilado pelos aprendizes, enquanto o vilão é caracterizado como um selvagem. Podemos observar este fato neste excerto em que o cavaleiro Calogrenant relata sua aventura:

*Naquela noite, fui mui bem hospedado e meu cavalo bem tratado no estábulo, como eu pedira. Quando foi possível ver o dia, após fazer as orações recomendei meu bom anfitrião [vassalo] e sua filha ao Espírito Santo e parti. Não estava longe da morada quando em um roçado encontrei touros selvagens que entrelutavam e faziam grande bulha, tão feroz e cruelmente que, para dizer verdade, recuei de temor. Vi então, sentado em um cepo d'árvore e tendo à mão uma clava, um vilão que muito parecia um mouro,*

*feito e hediondo além da medida (...) Assim que me viu aproximar, o vilão pôs-se em pé. Eu não sabia se ele me queria atingir, mas fiquei preparado para me defender (...)* (Troyes, 1989:206-207).

Podemos perceber como o nobre é diferenciado do vilão no que se refere à aparência. Além disso, também o comportamento do nobre deveria diferenciar-se do comportamento do vilão - caracterizando, assim, a diferença entre as ordens. Os duelos exemplificam essa diferença de conduta: entre os nobres, aconteciam a cavalo e com armas, enquanto que entre os vilões as disputas aconteciam a pé e com um bastão.

Observamos, assim, que, independentemente de autor, período histórico ou corrente historiográfica, a literatura cavaleiresca sempre serve como referencial de análise, pois temos elementos dessas obras nos estudos de diversos autores. Como exemplo, temos a discussão acerca dos duelos, feita por Montesquieu de forma magnífica em sua obra *Do espírito das leis*:

*Os gentis-homens batiam-se a cavalo e com suas armas; e os vilões batiam-se a pé e com o bastão. Daí decorreu que o bastão era o instrumento dos ultrajes, porque um homem que tivesse sido batido com ele tinha sido tratado como vilão. Só os vilões combatiam com o rosto descoberto; assim, só eles podiam receber golpes na face (Montesquieu, 1989:433).*

Assim, o vilão podia ser ferido no rosto enquanto que o nobre protegia-se com sua armadura e não sofria ferimentos na face. Se durante um torneio, por exemplo, um dos cavaleiros perdesse o seu elmo, imediatamente seu adversário interrompia o combate até que o elmo fosse colocado.

Percebemos aqui um grande esforço por parte da nobreza em se diferenciar do comportamento da plebe. Esse empenho decorre da conduta adotada pelos vilões de atacar seus adversários no rosto. Para os nobres esse procedimento era indigno; na verdade, tratava-se de um comportamento da plebe, da vilania. Segundo Montesquieu *Uma bofetada tornou-se uma injúria que deveria ser lavada com sangue, porque um homem que a tivesse recebido havia sido tratado como vilão* (Montesquieu, 1973:433).

A referência de Montesquieu é importante porque nos auxilia e é mais um exemplo do comportamento do nobre. Essa obra ressalta ainda mais a nossa visão sobre o papel do romance cortês: de que este procurava enaltecer a figura de cavaleiro cortês e cristão. Como já mencionamos, o paladino deveria ser fiel ao seu senhor, combater os hereges e defender os pobres, as viúvas e os órfãos. Enfim, o romance proclamava como virtudes o amor, a prudência e a cortesia.

Outro aspecto relevante do romance cortês é a abordagem sobre o comportamento e o vestuário do cavaleiro medieval. Seus autores defendem o comportamento cortês em oposição ao guerreiro hostil e, ao fazê-lo, revelam que o processo de transformação social não admitia mais essa forma de ser do cavaleiro. Tornou-se inoportuno aquele cavaleiro que saía do seu castelo para pilhar e conquistar novos reinos. O momento exigia outro comportamento por parte do nobre. Exigia uma nova maneira de ser, mais adequada às novas condições sociais que se desenvolveram em função de vários elementos. Um desses elementos, talvez o mais influente naquela época, foi o desenvolvimento do comércio. Ele tornou-se, se não o principal, ao menos um dos maiores desencadeadores da desestruturação da sociedade feudal.

Ao mesmo tempo que o autor das novelas de cavalaria sustentava um novo comportamento para o homem nobre, trazia, atrelado a ele, uma nova forma de vestir. Esse fato em si revela também uma sociedade muito mais dinâmica economicamente, onde os bens materiais começam a ser colocados no mesmo nível de interesse e de importância social atribuídos aos valores espirituais.

Na obra *A canção de Rolando*, temos um enredo que mostra o herói (Rolando) sendo traído por seu padrao (Ganelão). Contudo, isso não o abate. O herói é persistente, enfrenta seu destino a serviço do rei (ou, do bem) até a morte, com honra. Seu traidor é julgado (por Deus) e condenado, prevalecendo, assim, a justiça e a vitória do bem.

Este texto evidencia, além da marcante cristianização do período feudal e o comportamento íntegro do herói, os padrões de beleza medieval:

*O conde Ganelão ficou tomado de angústia: sacode dos ombros as grandes peles de marta e fica com a túnica de seda. Ele tem os olhos cambiantes e o rosto altivo; tem o corpo bem feito e o peito largo. É tão belo que todos os seus parentes o admiram (...)* (A Canção de Rolando, 1988:26)

São inúmeros os exemplos que poderíamos citar para explicar a função e a importância do romance cortês; entretanto, optamos por selecionar e analisar estas.

Considerando essas questões abordadas nos romances de cavalaria nos séculos XI e XII, observamos que as obras desse gênero continham um ideal de homem que objetivava, principalmente, modificar o comportamento do jovem guerreiro, ajustando-o à civilização que então estava se estruturando.

Por essas razões, consideramos que as novelas de cavalaria são produto de uma determinada época

histórica. Fazem, por isto, alusão aos valores daquele período. Como pudemos perceber por meio de alguns exemplos, os autores dessas novelas colaboraram para a construção de um modelo ideal de homem durante os séculos XI ao XIII, visto que esses romances conformam o ensino, a instituição militar da época, ou seja, uma visão de mundo que, de maneira oblíqua, é veiculado através da vivacidade da literatura medieval. Ao fazer a exaltação do heroísmo e do amor, por exemplo, estas características acabam sendo destacadas como virtudes.

A figura do cavaleiro medieval, como destacamos, é uma herança modificada dos tempos bárbaros. Conforme a tradição germânica, o jovem em idade de tornar-se adulto deveria ser cingido. Este costume tornou-se obrigatório, pela tática e pela prática militar. No entanto, a ordem da cavalaria reclamava um esforço de adaptação cultural do aspirante a cavaleiro.

Os homens que compunham a cavalaria eram necessariamente recrutados da aristocracia numa época em que ela enfrentava problemas econômicos, uma vez que o comércio proporcionava outras formas de valor. No local em que Chrétien viveu, Troyes<sup>1</sup>, as transformações eram evidentes, pois tratava-se de uma comuna em que se estabeleciam feiras comerciais. Logo, esse autor viveu as mudanças que ocorriam na sociedade.

O momento histórico vivido pelos autores das novelas de cavalaria apresenta-se como um processo de transformações econômicas - em função da crescente mobilidade comercial proporcionada pelos avanços na agricultura e, ainda, pelos mercadores ambulantes - e sociais. Com efeito, a mobilidade comercial faz surgir um grupo de pessoas que se diferenciam por sua ocupação e que fazem nascer interesses políticos e culturais estranhos à ordem estabelecida. Trata-se de um período no qual a sociedade estava em processo de reorganização estrutural como um todo e se impunha a necessidade de uma nova forma de ser do homem.

Tem-se, portanto, presente, que a literatura medieval se insere na objetividade e subjetividade de seu tempo. Cada momento da aventura do cavaleiro na literatura apresenta a busca do heroísmo e a sua sucessão é também qualitativa: cada um é superior ao que o precedeu. As novelas de cavalaria tentam introduzir o jovem numa "psicologia do heroísmo" remanescente à época de Carlos Magno, numa tentativa de resgatar a aristocracia de uma sociedade que se desestrutura e tende a morrer.

<sup>1</sup> Pirenne relata que em Troyes, a partir do século XII, estabelecem-se feiras comerciais famosas (1964, p. 84).

Assim, o romance cortês contribuiu para o resgate de um ideal de homem que pertencia a uma ordem social que lutava para continuar a existir. A instituição militar do feudalismo - a cavalaria - insere-se em uma realidade econômica e social e, mais ainda, possui uma mentalidade diferente daquela proveniente dos conventos, que se originava na instituição religiosa, diferente dos ofícios, que se desenvolvia nas comunas.

A nosso ver, existem elementos comuns entre o romance cortês e nossa época. Entre esses elementos destacamos que ambos se apresentam enquanto períodos de grandes mudanças de valores, que deixam em dúvida o parâmetro ideal de comportamento. O momento histórico atual coloca inúmeros desafios como decorrência da emergência de realidades que apontam para uma outra forma de existência.

Através destas reflexões, podemos compreender que a educação da nobreza não estava voltada apenas para preparar o jovem para atuar na atividade guerreira ou mesmo cortesã na sociedade em que se encontrava inserido. Esta hipótese se confirma se analisarmos as condições de admissão do jovem na ordem da cavalaria: para que este pudesse ingressar nesta instituição, teria que passar por uma “seleção”, e apenas os membros da ordem cavaleiresca poderiam ser vassalos.

A cavalaria, vista assim, constitui-se numa organização aristocrática que conserva os princípios mais importantes dessa ordem. Constitui-se um reduto da nobreza, lugar onde se reúnem e se fortalecem, permitindo, assim, sua perpetuidade. É na cavalaria que o jovem demonstra a fidelidade e a dedicação que o futuro vassalo dispensará ao seu senhor, qualidade indispensável para esta forma social.

Logo, esse seria um mecanismo de seleção para a admissão de jovens em uma determinada ordem social e não uma hierarquização, dotada de órgãos de transmissão, que garantam influências entre os níveis sociais. A fidelidade é a principal virtude exigida de um cavaleiro. Este valor é fundamental para a existência dos laços que moldam o feudalismo. Sem ele a estrutura feudal perece e, junto com ela, toda uma sociedade.

Os laços de vassalagem não se restringiam à submissão do súdito ao seu senhor, mas na união das forças: um não existe sem o outro. Portanto, para que a estrutura social pudesse se manter era necessário que seus componentes fossem fiéis a seus compromissos, que eram recíprocos.

Nesse contexto, como podemos entender a educação do jovem nobre? Não será a preservação dos valores de uma determinada sociedade que “pré ocupa-se” para continuar a existir?

#### Referências bibliográficas

- A Canção de Rolando*. Tradução de Ligia Vassalo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- Guizot, F. *História da civilização na Europa*. Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1907. 2v.
- Le Goff, J. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1979.
- Montesquieu. *Do espírito das Leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores).
- Pirenne, H. *As cidades da idade média*. Lisboa: Europa-América, 1964. (Coleção Saber).
- Troyes, C. *Romances da Tavola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Troyes, C. *Yvain: o cavaleiro do leão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

Received on November 30, 1999.

Accepted on March 24, 2000.